

# Problemas comuns para perfis diferentes

Entre os países que estão participando do encontro do Grupo dos Oito, a partir de hoje, no Rio de Janeiro, o Perú ocupa uma tão destacada quanto pouco confortável situação: a de ser o único País presente que não está cumprindo atualmente seus compromissos junto aos credores, encontrando-se em virtual estado de rompimento com os órgãos econômicos internacionais.

A dívida do Perú com os credores internacionais é da ordem dos US\$ 14,3 bilhões, segundo o Banco Central do País, embora cálculos extra-oficiais estimem o total em torno dos US\$ 16 bilhões.

Em papel oposto ao do Perú encontra-se o México, segundo maior devedor do mundo (depois do Brasil, cuja dívida chega aos US\$ 120 bilhões), que é considerado um "caso exemplar" entre os

credores, a partir do momento em que conseguiu condições particularmente interessantes para abater sua dívida de US\$ 105 bilhões e, em especial, uma moratória de 20 anos para mais da metade desse total.

Entre os países que formam no chamado "bloco otimista", encontram-se a Colômbia, com US\$ 16 bilhões, que apresenta uma economia considerada saneada pelos analistas internacionais, e merecedora da alta credibilidade creditícia que o País detém.

Já a Venezuela está estudando um refinanciamento de sua dívida de US\$ 35 milhões, e o Uruguai, que não tem grandes dívidas, apresenta um perfil de desenvolvimento considerado preocupante para os credores.

O Ministro de Planejamento e Política Econômica do Panamá,

Gustavo Gonzalez, outro dos participantes do encontro do Grupo dos Oito, afirmou ontem que "nenhum país da América Latina obterá vantagens para o pagamento de sua dívida externa se negociar individualmente com os bancos internacionais". Gonzalez se declarou partidário de "acordos comuns de integração, que permitam uma pressão maior em torno da questão da dívida".

O Ministro do Panamá, falando sobre a posição que estará defendendo durante o encontro do Rio, disse que os países latinoamericanos devem unir suas forças, não só para orientar as negociações de suas dívidas como para "conseguir vantagens que permitam aos países endividados a continuidade de seus planos de desenvolvimento".